

PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA: CATEGORIAS QUE SE ARTICULAM NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESCOLA PARA UMA NOVA SOCIEDADE

Dr. Marcos Gehrke

Me. Luciana Maria de Matos e Silva

Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná

RESUMO: Analisa a Pedagogia Socialista Soviética desde as categorias atualidade, auto-organização, coletividade e o trabalho. Destaca que essas se articulam na construção de uma nova escola, para uma nova sociedade no contexto pós revolucionário, na Rússia (1917 a 1931). Pesquisa justifica-se, frente a experiência desenvolvida pelo MST no Brasil, que faz uso dessas categorias em seu projeto educativo; colabora com a possibilidade de romper ou transgredir com as leituras equivocadas, superficiais, ausentes, da pedagogia socialista soviética, nos cursos de formação do pedagogo. Objetiva explicitar as

categorias centrais da pedagogia socialista soviética e destaca as relações com a organização da escola Russa e a revolução socialista. Salienta que a pedagogia socialista é produzida por pedagogos russos, num ambiente pós-revolucionário, que assumiram o trabalho de transformar a escola tzarista, que prevalecia no país até 1917, em escolas do trabalho. Considera que a articulação teórico-prática entre atualidade, auto-organização, a coletividade e o trabalho, marcam a sociedade transformada e dão identidade à educação e à escola do trabalho.

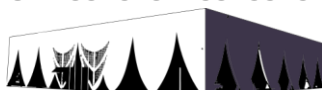
PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Socialista Soviética; Atualidade; Trabalho.

SOVIETIC SOCIALIST PEDAGOGY: CATEGORIES THAT ARTICULATE IN THE CONSTRUCTION OF A NEW SCHOOL FOR A NEW SOCIETY

ABSTRACT: It analyzes the Soviet Pedagogy since the categories of present, self-organization, collectiveness and labor. It highlights that these categories articulate themselves in the construction of a new school, to a new society in the post-revolutionary context, in Russia (1917 to 1931). This research is justified by the experience developed by MST (Landless Workers Movement) in Brazil, which uses such categories in its educational project; to support the possibility of breaking or violating the false and superficial readings, away from the soviet socialist pedagogy, in the educators' training courses. It aims at

explaining the central categories of the soviet socialist pedagogy and emphasizes the relations in the organization of the Russian school and the socialist revolution. It points out that the socialist pedagogy is produced by Russian educators, in a post-revolutionary environment, the ones who took the responsibility to transform the tzarista school, which prevailed in the country until 1917, in labor schools of work. It considers that the theoretical-praxis articulation between present, self-organization, the collectiveness and the work, mark the transformed society and give identity to education and to labor school.

KEYWORDS: Soviet Socialist Pedagogy; Present; Labor.



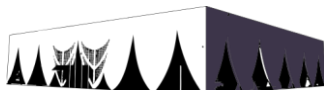
APRESENTAÇÃO

A pedagogia socialista soviética, suas categorias, **atualidade**, **auto-organização**, **coletividade** e o **trabalho**, é objeto deste estudo que, evidencia a articulação das mesmas na construção de uma nova escola para uma nova sociedade, no contexto da Revolução Russa de 1917.

A análise aqui apresentada é um estudo parcial da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), que na sua integralidade tratou do trabalho do pedagogo na organização do trabalho pedagógico com ênfase no planejamento das Escolas Itinerantesⁱ, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Logo, a pesquisa justifica-se frente à necessidade de compreensão do objeto, que faz uso das categorias da pedagogia socialista soviética, como fundamentos ou raízes da sua forma escolar. Portanto, ela pretende trazer contribuições, especialmente, para os educadores do MST.

O trabalho investigativo justifica-se também, frente às recentes traduções para o português, das obras dos intelectuais orgânicos da revolução Russa, e que permitiram o acesso a essas categorias e uma ampliação da leitura nas obras completas. Ainda, a necessidade de divulgar, ampliar, disseminar essas categorias no contexto da pedagogia brasileira. Colaborar com a possibilidade de romper ou transgredir com as leituras equivocadas, superficiais e, muitas vezes ausentes, da pedagogia socialista soviética, nos cursos de formação do pedagogo e de professores em geral.

Destaca-se aqui, que pedagogia socialista soviética, foi produzida e sistematizada por intelectuais orgânicos da educação socialista russa, como Mosey M. Pistrak (1888-1937); Viktor N. Shulgin (1894-1965); Nadezhda K. Krupskaya (1869-1939); Anátoly Lunatcharski (1875-1933) e Anton Makarenko (1888-1939) que, entre outros, organizaram-se no Comissariado Nacional para a Educação (NARKOMPROS), órgão nacional responsável para orientar o novo sistema



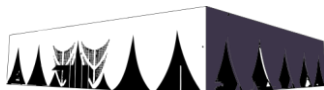
educacional e a nova escola russa. Datada de 1917, manteve uma produção na linha da escola do trabalho até 1931, período da primeira reforma educacional. Na sequência, a linha teórica da escola do trabalho e da politecnização perdeu força para a escola do ensino e especialização profissional. Assim, outros rumos tomaram conta do governo e da educação da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Ainda a título de introdução, é importante salientar esse recorte histórico, a fim de evidenciar que se trata da pedagogia pensada por educadores russos que assumiram a tarefa, em um ambiente pós-revolucionário, de organizar uma escola diferente da escola czarista que prevalecia no país, e da escola burguesa amplamente defendida na Europa e estados americanos, a Escola Nova, que se voltava para a preparação de quadros para a cadeia produtiva industrial ou para a governabilidade e administração do mercado e Estado. Ao contrário disso, os educadores russos tinham como desafio educar lutadores da classe trabalhadora, uma nova escola, não classista, não dualista, laica e para todos e todas. Neste contexto foram forjadas Escolas Experimentais-Demonstrativas, chamadas de Escola Comunaⁱⁱ, entre elas a Escola-Comuna de Narkompros, liderada por Pistrak.

Tratados esses elementos, o objetivo do trabalho é explicitar as categorias centrais da pedagogia socialista soviética, destacando sua relação com a organização da escola Russa e com a revolução socialista. As categorias **atualidade**, **auto-organização**, **coletividade** e o **trabalho**, foram selecionadas a partir da leitura nas obras de referência e, identificadas no projeto de educação do MST.

A investigação faz uso da pesquisa bibliográfica, com análise da produção teórica dos intelectuais da pedagogia socialista, desde a tradução brasileira, de Luiz Carlos de Freitas (2000; 2009; 2013; e, 2017), publicadas pela Editora Expressão Popular.

Estabelecidos os elementos introdutórios, orienta-se o leitor para a leitura das três seções do artigo que se articulam e complementam a análise, forjando os fundamentos da pedagogia socialista soviética. A pesquisa tem seu início



apresentando a categoria atualidade, pois é necessário conhecer e dominar para poder transformar; na sequência, as categorias auto-organização e coletividade, práticas essenciais assumidas pela escola para o fortalecimento da revolução socialista, como imprescindíveis à construção de novos hábitos necessários; por fim, o trabalho como base para a organização da pedagogia socialista e a escola do trabalho.

Atualidade: é necessário conhecer e dominar para poder transformar

Os pedagogos russos tinham uma importante tarefa: construir uma nova escola que preparasse homens e mulheres com conhecimentos e hábitos capazes de construir uma nova vida, novas relações de trabalho e produção. Desta forma, a **atualidade** foi considerada um elemento central para toda e qualquer ação educativa. Assim, a escola deveria penetrar na atualidade, estudar sua dinâmica, dominar suas manifestações para que os estudantes, adquirindo tais conhecimentos, pudessem ser guardiões da revolução, além de construtores e lutadores do regime em formação.

Segundo Pistrak (2000), a escola do trabalho deveria ter como princípio a relação com a realidade atual, entendendo esta como “tudo o que, na vida social da nossa época, está destinado a viver e se desenvolver, tudo que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve à organização da vida nova” (PISTRAK, 2000, p.32). Assim como, compreender o sistema capitalista, o imperialismo organizado mundialmente. Nesse sentido a Pedagogia Socialista afirmava que a escola precisava se desconectar de tudo que não auxilia na compreensão do que é a luta contra o imperialismo, entendendo “o imperialismo na sua última forma, e o poder soviético como ruptura na frente do imperialismo, como brecha na fortaleza do capital mundial” (PISTRAK, 2009, p. 118).

O autor ainda afirmou que o objetivo da escola conhecer a realidade atual, contudo é preciso conhecer o passado, os resquícios culturais, tecnológicos a fim



de superá-los, liquidá-los. Toda herança pedagógica da velha escola necessitava de esclarecimento, de debate que levara a uma nova interpretação à luz dos objetivos da revolução, para a formação de sujeitos que se entendam como partícipes de uma coletividade formada pela classe operária mundial, construtores de uma nova ordem, superando o regime capitalista (PISTRAK, 2000).

Para isso, o autor afirmava que,

[...] em termos mais concretos, é preciso que a nova geração compreenda, em primeiro lugar, qual é a natureza da luta travada atualmente pela humanidade; em segundo lugar, qual o espaço ocupado pela classe operada nesta luta; em terceiro lugar, qual espaço que deve ser ocupado por cada adolescente; e, finalmente, é que cada um saiba, em seus respectivos espaços, travar a luta pela destruição das formas inúteis, substituindo-as por um novo edifício (PISTRAK, 2000, p. 31).

Sendo assim, a escola necessitou ser reorganizada para assumir a realidade atual como fundamento de seu trabalho pedagógico, era necessário “estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela” (PISTRAK, 2000, p. 32). Os conteúdos escolares, portanto, deveriam ser reelaborados a partir do pensamento marxista, tendo como fundamento o materialismo histórico dialético (KRUPSKAYA, 2017). Assim, as ciências naturais, os fenômenos sociais e as relações de trabalho necessário e criativoⁱⁱⁱ, são base para a reformulação curricular, visando uma formação multilateral dos estudantes e da população como um todo. Pistrak (2009) também referia-se à necessidade de transformar os métodos de ensino, pois tudo que era utilizado no antigo regime, tornou-se inútil para garantir o novo regime. “O objetivo da escola não é apenas conhecer a atualidade, mas dominá-la. E aqui os métodos antigos de ensino são inúteis” (PISTRAK, 2009, p.120).

Para a Pedagogia Socialista, a escola deveria dar conta de explicar a totalidade, o processo histórico e dialético que culminou na revolução, e fazer as mediações necessárias para construir conhecimento capaz de garantir o fortalecimento e ampliação da luta coletiva. A escola, portanto, tem a tarefa de apresentar ao estudante “pelo que e contra o que deve lutar, o que e como deve construir e criar” (PISTRAK, 2009, p.121).



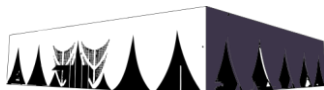
Nesse sentido, a categoria **atualidade** devia estar ligada às categorias do materialismo, da história e da dialética, constituindo-se como um método de análise e de atuação, por meio do trabalho. Tanto Pistrak (2009), na organização da Escola-Comuna, como Krupskaya (2017, p. 245-263), na orientação geral das escolas, enfatizavam que a educação deveria se organizar sobre bases marxistas. Ao se ter como objetivo dos programas de ensino a compreensão materialista dos fenômenos naturais que formam o mundo, a totalidade (que não é estática, mas dialética), deve-se assumir a tarefa de explicar cada fenômeno, suas conexões e mediações, tendo como referência a história dos fenômenos sociais (as razões dos acontecimentos, e como se construiu a lógica do capital), para assim entender como esta lógica pode ser superada no sentido de construir a sociedade socialista, fortalecer suas bases, compreendendo a atualidade.

A organização da escola necessitava aprimorar, além da vinculação ativa com a atualidade, outros elementos essenciais como: auto-organização, coletividade e trabalho. Articulando esses elementos, a escola do trabalho, cumpriria com seus objetivos de organizar a nova sociedade revolucionária.

Auto-organização e a coletividade: práticas essenciais assumidas pela escola para o fortalecimento da revolução socialista

Para o fortalecimento da revolução, fizeram-se necessários construtores que soubessem o que construir e por quais caminhos. Pistrak (2009) entendia que os jovens revolucionários deviam ser imbuídos de tarefas e responsabilidades que necessitariam ser desenvolvidas: “1) habilidade de trabalhar coletivamente, habilidade de encontrar seu lugar no trabalho coletivo; 2) habilidade de abraçar organizadamente cada tarefa; 3) capacidade para a criatividade organizativa” (PISTRAK, 2009, p. 126).

A **auto-organização** dos estudantes é outro elemento central da Pedagogia Socialista e está estreitamente ligada à tarefa da construção revolucionária



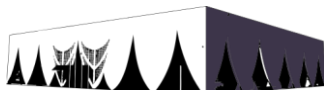
(PISTRAK, 2009). Neste sentido, Krupskaya (2017) faz uma avaliação importante do processo revolucionário, destacando o quanto a capacidade de organização é importante e faz falta para alcançar a educação multilateral, o trabalho socialmente necessário, a auto-organização dos estudantes e uma nação auto-produtiva. Todos os esforços devem ser dispensados no sentido de construir essa capacidade (ou habilidade) nas novas gerações e a educação precisa assumir esta importante tarefa.

Pistrak (2000) salientou que a capacidade de se auto organizar é desenvolvida também pela educação burguesa nos países ocidentais da Europa e dos Estados Unidos, no entanto com objetivos diferentes do que se pretendia na Rússia, pelos pedagogos socialistas. No ocidente a escola excluía a política de suas bases pedagógicas, focando as particularidades psicológicas dos jovens estudantes, mas como pano de fundo dessa prática psicologizante estava a adaptação às exigências do sistema de produção capitalista, a conformação à uma forma de organização que aliena o trabalhador de seu trabalho e mantém a exploração da classe dominante sobre a classe trabalhadora.

A pedagogia socialista, com base na teoria marxista, propõe outra auto-organização, “que só será possível e benéfica na condição em que cada membro da sociedade compreenda claramente *o que é preciso construir* (e isto exigem a educação na realidade atual) e *como é preciso construir*” [grifos do autor] (PISTRAK, 2000, p. 41). Segundo o autor para desenvolver a auto-organização necessária é preciso assumir três principais qualidades:

- 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização (PISTRAK, 2000, p. 41).

Pistrak (2009) indicava alguns passos necessários para desenvolver nos estudantes os hábitos de auto-organização. Primeiro ponto a se considerar é que a tarefa auto organizativa deve ser proposta diante de uma necessidade das próprias

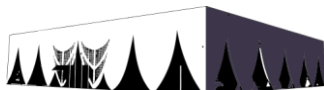


crianças que precisam de trabalho para resolver um determinado problema, sempre partindo da vivência e demanda coletiva. Em segundo lugar, não se deve desenvolver tutela demasiada, ou seja, não se pode fazer por elas, mas orientá-las e acompanhá-las. Outro ponto importante é que a **auto-organização** precisa garantir a participação dos estudantes na construção da escola do trabalho, pois esta não existe sem a sua participação ativa e de igual valor aos outros partícipes (professores, coordenadores) da instituição educativa, inclusive, os estudantes deveriam compor o conselho geral da escola, por exemplo. Em quarto lugar, a “auto-organização” deve aproximar a escola de outras instituições organizativas, possibilitando a participação dos estudantes em outras instâncias de decisões. Deve ser uma escola ampliada, extrapolando o espaço físico escolar, mas que se insira na vida da comunidade, ensinando os estudantes a se relacionarem e trabalharem com outras crianças, jovens e adultos.

Makarenko (1986) aponta a **coletividade** e **auto-gestão** como elementos pedagógicos capazes de mudar hábitos de conduta e construir novas relações sociais pautadas pela auto-organização tão necessária. Estas práticas organizativas foram amplamente desenvolvidas por Makarenko que, enfaticamente, afirmava que:

[...] uma das tarefas primordiais da coletividade pedagógica consiste em ajudar a reforçar a influência política da organização da Juventude Comunista, tornar coesa a direção e entusiasma-la em desempenhar um trabalho enérgico na coletividade e a exercer a auto-gestão [sic] (MAKARENKO, 1986, p. 153).

Dessa forma, a pedagogia socialista articulou as categorias **auto-organização** e **coletividade**, visando a construção de hábitos que, fora da escola, se materializariam em organização dos trabalhadores para o fortalecimento das novas relações de produção e de vida. Makarenko (1986) demonstra ainda que a **coletividade** é uma categoria essencial para garantir a **auto-organização** e auto-gestão e, por fim, a capacidade organizativa que tanto almejavam. Para o autor,



[...] uma coletividade não é simplesmente uma reunião nem um grupo de amigos que cooperam entre si. Uma coletividade é um conjunto de pessoas norteadas num sentido determinado, um conjunto de pessoas organizadas que têm a sua disposição os organismos da coletividade. Onde houver uma coletividade organizada, haverá também os seus organismos e uma organização dos encarregados da coletividade e a questão das relações entre camaradas deixa de ser uma questão de amizade, de afeto ou vizinhança para se converter num assunto de responsabilidade. Mesmo se os camaradas se encontram em condições iguais e marcham lado a lado na mesma fila, cumprindo quase as mesmas funções, relacionam-se não simplesmente por amizade, mas pela responsabilidade comum no trabalho, pela participação conjunta na coletividade (MAKARENKO, 1986, p. 135 – 136).

Acredita-se que os organismos aos quais Makarenko referiu-se são os de auto-gestão: assembleia, organização por destacamentos, ações em conjunto com metodologias baseadas na tradição (construída no grupo que leva ao respeito pelos mais velhos pela coletividade), e disciplina (estabelecida por meio de práticas da militarização, herdadas da revolução e do Exército Vermelho). Segundo ele, por meio destas práticas vivenciadas na comunidade que se construiriam práticas individuais voltadas para os objetivos da educação soviética. Acrescenta ainda que a coletividade não se constrói pela vivência diária, convívio, intimidade, familiaridade, pois a coletividade soviética é maior que isso:

Só através de uma grande colectividade cujos interesses surgem não do simples trato, mas de uma síntese social mais profunda é possível a transição para uma ampla educação política, quando por colectividade se subentende toda a sociedade soviética [sic] (MAKARENKO, 1986, p. 83).

Assim, para a Pedagogia Socialista, a capacidade de organização é imprescindível para a construção de um novo homem e da nova sociedade, como é o **trabalho**, categoria de que trata a seção seguinte.

Trabalho: base para a organização da pedagogia socialista e a escola do trabalho



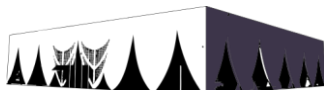
A **atualidade**, a **coletividade** e a **auto-organização**, na Pedagogia Socialista, estão intimamente ligadas ao **trabalho**. Não a qualquer trabalho, mas ao trabalho contido na discussão marxista. Pistrak (2000) discorre longamente sobre a importância do **trabalho** como princípio educativo na escola e o quanto foi difícil chegar a uma formulação pedagógica que implementasse o trabalho organicamente, como base para a escola-soviética.

A escola do trabalho tinha entre seus objetivos de educação o trabalho social como elemento formador da atualidade. O **trabalho** deveria ser considerado na escola, como a ação do homem sobre a natureza, transformando-a e transformando a si mesmo. Esta experiência precisava ser vivenciada na escola, nos diferentes níveis de ensino (de acordo com a faixa etária e condições físicas das crianças), desenvolvendo nelas um espírito transformador da atualidade. À escola, portanto, caberia orientar os estudantes a assumir conscientemente o **trabalho**, possibilitando o desenvolvimento de habilidades úteis à revolução.

Pistrak (2000) e Krupskaya (2017) consideram que a educação deve superar a lógica individualista do pequeno proprietário da escola da Europa e da América, que até utilizam o conceito de trabalho, mas visando o avanço individual na sociedade, ou seja, alcançar posições privilegiadas em relação aos outros trabalhadores. A escola do trabalho vivenciava o ativismo-coletivo, em que todas as ações e todos os fenômenos naturais e sociais deveriam ser considerados do ponto de vista coletivo, global.

Assim, o **trabalho** estaria no centro dos objetivos de ensino e todos os conteúdos seriam abordados a partir desse ponto de vista, no sentido das relações entre ‘homem-natureza’ e ‘homem-com-ele-mesmo’, e da produção agroindustrial e dos trabalhadores. A escola, desta forma, deveria borbulhar trabalho produtivo, socialmente necessário e coletivo. Segundo a educadora, “o trabalho coletivo tem o maior caráter educativo” (KRUPSKAYA, 2017, p. 112).

A forma como se introduziu a questão trabalho na escola, foi organizada em três etapas por Pistrak (2000), ou correntes pedagógicas. A primeira delas, ainda

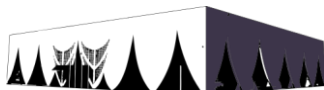


no início da organização da escola do trabalho, com muitos resquícios da velha escola e sofrendo as influências da escola burguesa, o trabalho dava-se como metodologia, e além de excursões, pesquisa bibliográfica e laboratório, o trabalho manual era empregado, como modelagem, construção de esculturas, desenho, maquetes, entre outras formas de manipulação manual vinculada à disciplina/conteúdo ensinado. Depois foram criadas oficinas nas escolas,

Mas, na prática, o trabalho entrava na escola de forma desordenada, sem nenhum plano de conjunto, sem nenhuma concepção teórica, ocupava um lugar completamente secundário, desempenhando apenas um papel auxiliar nos estudos (PISTRAK, 2000, p.46).

Nessa fase, o importante era o programa de estudos, “o trabalho se subordinava e se adaptava a ele” (PISTRAK, 2000, p.47). A segunda corrente consistia em assumir uma oficina, um trabalho manual e todo o programa de ensino se adaptaria ao ofício escolhido. O erro persistia, pois o trabalho continuava em segundo plano na sua relação com a ciência. As aulas teóricas estavam organizadas independentes do trabalho, ora cruzavam-se, quando se julgava necessário. A terceira corrente, consistia em realizar o trabalho como educativo, no sentido de desenvolver nos estudantes hábitos de educação e não de ensino, pois o trabalho dignifica o homem, lhe traz honra e satisfação, disciplina e organização. Mas ainda nenhuma relação com a ciência era identificada, nenhuma vinculação com a **atualidade**, com a realidade atual. O que se pretendia, enquanto escola do trabalho, era fazer da ciência e do trabalho as duas bases sólidas dos programas de ensino, a “coluna central destes programas compreende o estudo do trabalho humano” (PISTRAK, 2000, p. 50).

No entanto, Pistrak (2000), salienta que o trabalho humano a ser considerado, são aqueles que na relação do homem com a natureza, constrói-se o trabalho necessário para a sobrevivência e desenvolvimento do homem, que determinam a organização de uma sociedade. Desta forma o autor formula: “na base do trabalho escolar devem estar o estudo do trabalho humano, a participação nesta ou naquela forma de trabalho, e o estudo da participação das crianças no



trabalho” (PISTRAK, 2000, p. 50). À escola cabia a tarefa ensinar os estudantes a organizar o trabalho de forma científica, esperando-se a superação da improvisação, do senso comum. O autor defende que a escola deve desenvolver a organização científica do trabalho. O autor sintetiza a relação entre trabalho e ciência na escola da seguinte forma:

[...] definiremos o trabalho como uma participação ativa na construção social, no interior e fora da escola, e a ciência como uma prática generalizada e sistematizada que orienta completamente esta atividade, de forma que cada um possa ocupar o lugar que lhe cabe [grifos do autor] (PISTRAK, 2000, p. 114).

Dando continuidade à análise do sentido do **trabalho** na escola comunista, é possível encontrar outras categorias importantes, como o politecnismo. Segundo Krupskaya, o estudo multilateral do **trabalho** também é politecnismo, pois “o politecnismo é um sistema global na base do qual está o estudo da técnica nas suas diferentes formas, tomadas em seu desenvolvimento e em todas as suas mediações” (2009, p. 151). Ainda explica que está errado quem entende o politecnismo como multiartesanato (saber diferentes técnicas artesanais), já que politecnia tem relação com a compreensão de todo o processo do trabalho, partindo da experiência laboral (que o estudante executa na escola para compreender as relações existentes no passado e presente), entendendo, portanto, como funciona a sociedade atual, a **atualidade**. Krupskaya (2009) enfatiza que o politecnismo não é uma disciplina específica, mas que todas as disciplinas devem explicar as relações de trabalho existentes. Também não é a politecnia sinônimo de profissionalização, ou ensino de técnicas, especialização, a escola soviética, no período inicial da Revolução Soviética (1917 – 1929), não defendia a prática de especializar e afunilar o conhecimento, mas primar pelo desenvolvimento multilateral da criança estudante.

A pedagogia socialista inclui como imprescindível o trabalho socialmente necessário para desenvolver nos estudantes a capacidade de organização, trabalho coletivo e relação com outras instituições propositivas de ações organizativas



presentes no entorno da escola. Shulgin apresenta uma síntese do que seria o trabalho socialmente necessário nas passagens que seguem:

[...] orientado para a melhoria da economia e da vida, para elevar o nível cultural do meio (...); “(...) é o trabalho pedagogicamente valioso (...)”, “(...) é aquele trabalho que está em conformidade com as forças dos adolescentes e com as particularidades da sua idade (SHULGIN, 2013, p. 90).

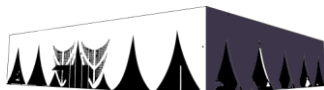
E:

O trabalho socialmente necessário requer não apenas conhecimentos e habilidades, não só o treino, mas também uma organização específica ou auto-organização das crianças. Sem isso ele não é viável, é impensável. Da parte das crianças, ele exige capacidade de ação, engenhosidade, desenvoltura, capacidade de observação, interesse, trabalho inteligente; e não o individual, mas o coletivo, não só o seu canto, mas com o povo, na rua etc. Exige, portanto, a organização. E isso é muito importante. É muito necessário (SHULGIN, 2013, p. 113).

O autor dedica-se a fazer um balanço das atividades relacionadas ao trabalho socialmente necessário realizado nas escolas de massa^{iv}, e aponta que muitas contradições estiveram presentes, pois um grande número de escolas executava o programa sem a vinculação da escola com a vida e o trabalho, o que chamou de prática dos complexos sentados. Um outro grande grupo de escolas fez a pesquisa etnográfica, montou esquemas e diagramas sobre os dados observados, mas limitou-se ao registro, não interferindo no modo de organização da comunidade. “A escola ainda permanece à margem, distanciada” (SHULGIN, 2013, p. 48).

No entanto, a pesquisa pôde ser o primeiro passo, segundo Shulgin, para a ação concreta da escola na realidade.

Eis porque a pesquisa sem dúvida é o primeiro passo para realizar o programa, já que ela inevitavelmente leva à assimilação do significado do programa, do seu eixo principal e, ao mesmo tempo, coloca o professor e a escola ante a inevitável necessidade, a urgência de intervenção na vida real sentido da sua reestruturação, de sua alteração, influenciando nela (SHULGIN, 2013, p.48).



Shulgin (2013) apresenta vários relatos de experiências que aproximam a escola da população em sua volta. É importante entender que o trabalho socialmente necessário, na Pedagogia Socialista, não existia para ajudar na fixação dos conteúdos, mas que os conhecimentos adquiridos poderiam auxiliar na construção de uma ação intencional na realidade em que a escola estava inserida, e deveriam ser “imediatamente convertidos em prática, definindo-se, concretizando-se” (p.67).

Ao fazer a análise da experiência da Pedagogia Socialista na Rússia, o autor considera que o trabalho socialmente necessário sofreu uma positiva modificação. Se antes as escolas preocupavam-se com a existência ou não de algum trabalho que pudesse ser assumido pela escola, após anos de debate e experimentos, as escolas se perguntam: ‘por onde começar?’, ‘Quantos trabalhos assumir?’ (SHULGIN, 2013).

Muitas são as ações que aproximavam a escola da vida, recebendo destaque as de cunho cultural/educacional, ligadas à organização de festas, seminários, espetáculos; o trabalho produtivo, trabalho cooperativo, o ligado à higiene, transportes, comunicações, entre outras ações que a escola podia assumir como trabalho socialmente necessário.

Shulgin (2013) avalia que, dentro da sociedade ainda dividida entre trabalho manual e intelectual, não é possível a concretização plena do trabalho socialmente necessário, pois em algumas realidades o nível tecnológico do trabalho é muito baixo e até inexistente, como é o caso do campo da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Porém, os educadores e escolas têm a tarefa de descobrir os caminhos, a metodologia correta para que se desenvolva o trabalho social e realizar tentativas de aproximação com o que se pretende, não de forma casual, mas intencional, ligados aos programas de ensino.

Sobre a relação entre os programas de ensino e o trabalho socialmente necessário, o autor enfatiza que nem sempre existe a possibilidade de conexão entre um e outro. Isto se deve ao fato de que a sociedade russa ainda não estava devidamente preparada para atender a esta perspectiva, pois o campo ainda era

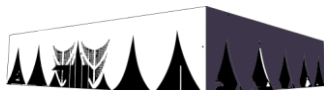


marcado pelo pouco desenvolvimento tecnológico e as fábricas eram insuficientes para possibilitar a passagem de todos os estudantes aprendizes. “Mas, certamente, isso não significa que não devemos tentar ligar aquilo que pode ser ligado, que não devemos tentar construir essa atividade na base do trabalho, onde possa ser construído” (SHULGIN, 2013, p. 107).

Para Makarenko (1986, p. 56) o trabalho pode ser organizado de diferentes formas. Ele “estudou e analisou os princípios fundamentais da educação colectiva [sic] sobre os quais já tinha falado N. K. Krúpskaia, A. V. Lunatchárski, S. T. Chátski” (VINOGRÁDOVA, 1986, p. 5), mas por realizar o trabalho pedagógico com crianças e jovens órfãos, e delinquentes, e por se tratar de uma colônia, em que os jovens não tinham contato com outras instituições educativas, ou coletividades (família, escola, comunidade,...), ele estava numa realidade diversa em relação às outras Colunas experimentais. Ainda assim, a **auto-organização** e a **coletividade** também eram elementos centrais de sua pedagogia. Em relação ao trabalho e o que seria o trabalho socialmente necessário, ele se aproxima da produção visando a auto-gestão financeira. Segundo Makarenko (1986, p. 13), “isto é uma grande sorte, porque a auto-gestão financeira é um pedagogo formidável”.

Makarenko, na sua realidade distinta, organizou o trabalho voltado para a profissionalização e especialização, assim, distanciou-se da proposta de trabalho educativo defendida por Krupskaia. Na Colônia Górkki praticou com as crianças e jovens a auto-gestão de uma granja de porcos, e na Comuna Dizerjinski organizou uma fábrica de máquinas fotográficas. Nas duas experiências foram os próprios aprendizes que realizaram todas as funções com base na coletividade auto-gestionária (MAKARENKO, 1986). Ele também analisa a trajetória da categoria trabalho na organização da Escola do Trabalho, para ele, o trabalho educativo sofria alterações de concepção quando passava da lógica dedutiva para a lógica experimental:

Eu também cometi esse erro. A própria palavra trabalho é tão agradável, tão sagrada para nós, goza tanta reputação que a educação através do trabalho parecia-nos algo absolutamente exacto,



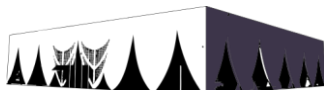
determinado e correcto. Mais tarde resultou que a palavra trabalho não encerrava uma lógica unicamente correcta, completa. A princípio o trabalho era percebido com um trabalho simples, como o trabalho de ‘auto-serviço’, depois como um processo laboral inútil, improdutivo, como o exercício para produzir energia muscular. E a palavra trabalho iluminava de tal maneira a nossa lógica que ela nos parecia infalível, ainda que a cada passo se fosse descobrindo que não existe uma verdadeira infalibilidade. Mas acreditávamos tanto na força ética do próprio termo que também a lógica nos parecia sagrada. Entretanto, a minha experiência e a de muitos camaradas de escola, ia-nos mostrando que é impossível deduzir algum método a partir do matiz ético do próprio termo, que o próprio trabalho aplicado à educação pode organizar-se de diversas formas e em cada caso, pode obter-se resultados distintos. Em todo o caso, o trabalho sem nenhum ensino que marche a par, sem uma educação política e social que o acompanhe, não produz efeito educativo algum e converte-se num processo neutral (MAKARENKO, 1986, p. 56).

Observa-se que todos os pedagogos soviéticos concordavam que a categoria **trabalho** era um elemento irrefutável e imprescindível para construir intencionalmente a organização coletiva por meio dos programas de ensino, da auto-organização dos estudantes e da coletividade. Dessa forma se construía a Escola do Trabalho, se pretendia avançar na Pedagogia Socialista e se construía a nova sociedade soviética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de conhecer e visitar a Pedagogia Socialista Soviética a partir dos textos traduzidos para o português no Brasil, foi possível encontrar os pedagogos formuladores e orientadores de uma nova educação baseada na tríade ‘natureza, trabalho e sociedade’, que trabalharam no Comissariado do Povo de Instrução Pública e direção das Escolas Comunas, e que tinham como preocupação construir um novo homem para uma nova sociedade.

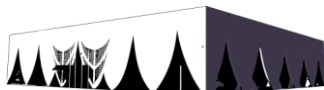
Ao ler os textos dos pedagogos russos, pode-se considerar a importância destes sujeitos na construção e fortalecimento do socialismo soviético, forjando uma nova educação e formando novas práticas pedagógicas para a educação que



se pretendia. E ainda, os avanços alcançados em relação à implantação dos programas de ensino elaborados pelos Pedagogos que compunham a Comissão Científica Estatal.

Planejar cada ação e analisar os fenômenos dialeticamente devem ser capacidades vivas do educador (KRUPSKAYA, 2017). A **coletividade**, a **atualidade** e a **auto-organização** são orientações para um planejamento pedagógico que tem a categoria **trabalho** como articuladora principal. Assim, entende-se que não se pode pensar a Pedagogia Socialista sem a articulação constante entre as categorias elencadas. A articulação dessas categorias era uma tarefa rigorosa dada aos professores no desenvolvimento do programa de ensino (com a conexão entre esses elementos) e possibilitariam a construção do conhecimento necessário para o fortalecimento da revolução e suas frentes produtivas.

Desta forma, fica o legado de que a ação coletiva é o caminho para a construção de uma geração de trabalhadores livres, com conhecimento, além de organizados na promoção de relações de igualdade e liberdade. A Pedagogia Socialista, portanto, propõe aos educadores a execução de uma importante tarefa, que não deveria ser cumprida individualmente, mas coletivamente: a de ser ele mesmo revolucionário, e de preparar outros lutadores e construtores de novas relações de trabalho, de produção e de vida.



REFERÊNCIAS:

FREITAS, Luiz Carlos de. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAC, M. M. (org.). **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

HADDAD, Cristhyane Ramos. **Políticas para o trabalho dos pedagogos na rede estadual de ensino do Paraná (2004 – 2015):** intensificação, burocracia e possibilidades de superação. Curitiba: CRV, 2016.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **A Construção da pedagogia socialista (escritos selecionados)**. FREITAS, Luiz Carlos de; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MAKARENKO, Anton Semyonovich. **Problemas da educação escolar: experiência do trabalho pedagógico (1920 – 1935)**. Moscovo: Edições Progresso, 1986.

PISTRAC, Moisey Mikhaylovich (org.). **A Escola-Comuna**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PISTRAC, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

SHULGIN, Viktor Niholaevich.. **Rumo ao politecnismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VINOGRÁDOVA, M. D. Do Compilador. In: MAKARENKO, Anton Semyonovich. **Problemas da educação escolar: experiência do trabalho pedagógico (1920 – 1935)**. Moscovo: Edições Progresso, 1986.

ⁱ Escolas públicas localizadas em acampamentos de Reforma Agrária. Forjadas na luta pelo direito a educação (CAMINI, 2009).

ⁱⁱ Escola Comuna, eram escolas experimentais demonstrativas, “instituições de ensino de tipo internato que, entre 1918 e 1925, voltaram-se para a tarefa de resolver a questão prática de elaborar a nova pedagogia e a escola do trabalho. Em 1937, foram fechadas e integradas ao sistema regular de ensino (FREITAS, 2009, p.12-13).

ⁱⁱⁱ Criativo, conforme Lenin nos apresenta, e não como o capitalismo toyotista propõe, exigindo dos trabalhadores criatividade para “se adaptar” às obrigatoriedades dos meios de produção, às vezes recebendo pouco, sem recursos materiais (HADDAD, 2016).

^{iv} Escolas que não eram demonstrativas experimentais (FREITAS, 2009).

Recebido em: 24/05/2018
Aprovado em: 10/12/2018

